

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 35 - Julho de 2017



Presidente: Antônio Vianna

No Brasil e na Caixa, tudo vai mal

O brasileiro passa por maus bocados com o governo Temer. A recessão afunda o país. Direitos são cortados.

Impostos elevados. Poder de compra reduzido. Na Caixa, não é diferente. Os empregados assistem ao desmonte do banco com o fechamento de agências, cortes nos salários e de pessoal. É o caos.

Páginas 3 e 4

FUNCEF: na era da escuridão

Como acontece praticamente em todas as edições do Jornal Nossa AGECEF, a FUNCEF é tema obrigatório. No mês de junho passado, edição 34, embalados pelo encontro promovido pela AEA em parceria com a AGECEF-BA, com o diretor presidente da Fundação, Carlos Vieira, foi apresentada uma série de demandas a respeito do desempenho dos ativos, resultados financeiros e atuariais, modelo de gestão, transparência de atos e participação efetiva dos empregados participantes nos destinos da entidade.

Na oportunidade, a AGECEF já questionava a falta de clareza e tempestividade na divulgação dos balanços e decisões importantes que impactam nos resultados dos diversos Planos de benefícios administrados pela FUNCEF. Passado mais de um mês do evento, apesar do compromisso assumido publicamente pelo presidente, nada mudou. Mais grave ainda, o balanço de 2016 continua um mistério. Não se sabe



o que virá como resultado do último exercício. A carteira de ativos da Vale, situação que certamente definirá o desempenho do ano, também não foi definida. O laudo de precificação dessa carteira é outro mistério a ser desvendado, embora tenha havido o compromisso de divulgação imediatamente após o evento. Mas até agora absolutamente nenhuma posição foi divulgada pela administração da FUNCEF.

É muito curioso que um patrimônio de ta-

manha magnitude seja tratado com tantos subterfúgios como estamos vendo. E o pior é que a conta cairá nas mãos dos participantes e da patrocinadora, caso o desempenho continue a ser negativo como tem se verificado ao longo dos últimos três anos. Talvez a "boa" notícia tenha sido a suspensão do início do conturbado equacionamento do déficit do exercício anterior, 2015, para os planos REG/REPLAN Saldado e Não Saldado, previsto para julho passado e outubro, respectivamente. Notícia boa se essa suspensão vier acompanhada de uma reflexão sobre as causas do déficit, sobretudo das operações fraudulentas e lesivas aos cofres da FUNCEF, a exemplo daquelas apontadas nas investigações da Operação Greenfield e a efetivação de acordos de recuperação das perdas.

Aliado a isso, ainda existem especulações de que a Caixa, como patrocinadora, não está querendo assumir a responsabilidade paritária no equacionamento do déficit do REG/REPLAN Não Saldado. Uma primeira reunião do Conselho de Administração da Caixa foi realizada e outra haverá para decidir esse assunto. Como se pode concluir, a situação é crítica em todos os aspectos e isso requer muita atenção e muito debate entre os participantes e as entidades representativas. A AGECEF-BA está de olhos abertos!



FENAG tem novo presidente

A FENAG (Federação Nacional das Associações dos Gestores da Caixa) tem novo presidente. Almir José de Sousa fica à frente da entidade até 2020. Como não podia deixar de ser, a AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Caixa) marcou presença em concorrida cerimônia de posse, realizada no início do mês.

Almir, que é gerente geral, é membro da AGECEF do Paraná desde os anos 90, onde ocupou diversos cargos, sempre destaque na atuação. Para os próximos anos, tem como compromisso dar continuidade ao trabalho que já vinha sendo feito pelo ex-pre-

sidente Nilson Moura. "Quero cada vez mais evoluir e profissionalizar a FENAG. A Caixa trabalha com políticas públicas e nossos gestores estão lá na ponta prestando serviços para a sociedade. Esse momento político que vivemos é um complicador, mas também uma oportunidade de fortalecimento da empresa por meio dos seus gestores".

Presente na cerimônia, o diretor da AGECEF-BA, Antônio Messias, destacou a importância em defender o caráter 100% público do banco, ameaçado pela política neoliberal imposta pelo governo de Michel Temer.

"A instituição tem um papel fundamental



para o desenvolvimento do Brasil e deve ser devidamente valorizada", declarou o presidente da AGECEF-BA, Antônio Vianna. A Caixa é responsável pela ampliação do acesso do brasileiro à casa própria, por gerir de forma eficiente programas de inclusão social, como o Bolsa Família. Tudo isso só é possível graças ao trabalho diário dos empregados.

Gestores em defesa da Caixa



O mais novo processo de reestruturação da Caixa, o segundo do ano, surpreendeu os empregados. As medidas confirmam o desmonte do banco público, um dos mais importantes do país. Ao todo, 131 unidades internas e administrativas serão fechadas e a empresa vai passar de 424 departamentos para 293. As medidas incluem ainda redução do número de agências, corte de pessoal por meio de mais um PDVE (Plano de Desligamento Voluntário

Extraordinário) e extinção de funções, contribuindo para o enfraquecimento da Caixa.

A previsão é de que a reestruturação seja finalizada até março de 2018, conforme documento divulgado pela direção do banco. Diante do cenário de retrocesso, a AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Caixa) fez uma profunda análise sobre as mudanças, em reunião com os gestores. O entendimento é unânime. É fundamental que os bancários ampliem a unidade

e andem lado a lado com as entidades representativas dos trabalhadores, para defender a Caixa 100% pública, fomentadora do desenvolvimento social e econômico do país, diferentemente da política do governo de Michel Temer, que dilapida o FGTS, planeja privatizar a Lotérica e suspendeu os aportes do Tesouro.

O diretor de comunicação da AGECEF-BA, Paulo do Amor Divino, alertou.

"Nunca vi nada tão sério como o que vivemos agora, dentro e fora da Caixa. Precisamos ter consciência de que não podemos enfrentar esses ataques sozinhos. Temos de fazer a luta coletiva".

Posição compartilhada pelo diretor Antônio Messias. "Vive-

mos momentos difíceis no Brasil e na Caixa. Devemos discutir e buscar soluções para superá-las". Presente no debate, o

presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, Augusto Vasconcelos, foi enfático. "O que está em jogo é a sobrevivência

da Caixa. Não só o emprego ou a função gratificada". Ele destacou as conquistas obtidas pelos empregados que, a partir de 2003, viram o quadro de pessoal sair dos 66 mil para 103 mil, os aumentos salariais acima da inflação, a PLR Social.

Hoje, o cenário é outro. O número de pessoal caiu, agências estão fechando, setores extintos, empregados sendo perseguidos e perdendo a função sem qualquer critério claro.



Fechamento de agências

As agências físicas também estão no pacote da reestruturação. A partir de agosto, muitas unidades deixam de prestar atendimento à população. A intenção é fechar entre 100 e 120 unidades até o ano que vem. A Caixa tem atualmente 4,2 mil agências e postos de atendimento em todo o país.

Segundo comunicado do banco, as primeiras a encerrarem as atividades serão aquelas que dão prejuízo. Depois, as que não dão lucro e, por fim, as que dão

resultado abaixo do esperado. Uma política típica das empresas privadas, que atuam apenas pensando nos resultados.

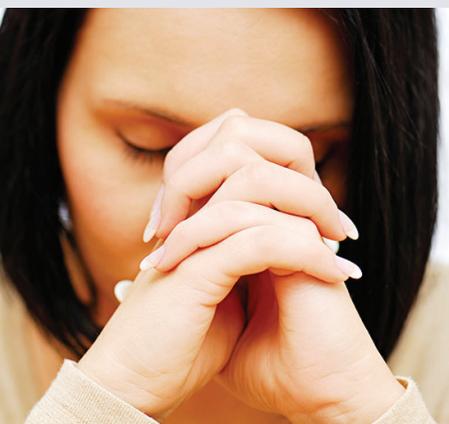
As mudanças atingem ainda o quadro de pessoal. Desde o último dia 14, está aberto um novo PDVE (Plano de Desligamento Voluntário Extraordinário), o segundo do ano. A meta é desligar 5 mil empregados, chegando ao número de 10 mil desligamentos em 2017, como pretendia a direção da empresa no PDVE aberto no início do ano.

Perda de função

Os empregados da Caixa, sobretudo gestores, são um dos mais atingidos com as reestruturações feitas pela direção da empresa, da noite para o dia. Isso porque as medidas preveem a extinção de funções. A estimativa é de que cerca de 500 bancários sejam atingidos com as novas mudanças e percam a gratificação.

Os impactos vão além dos empregados. Atingem toda uma família. Para amenizar o trauma, a direção do banco promete dois meses adicionais de salário com gratificação, a incorporação da função para quem atende os requisitos e a manutenção da bolsa de graduação, pós graduação e idiomas.

A Caixa diz ainda que vai



abrir um PSI (Processo de Seleção Interno) para os atingidos para qualquer vice-presidência sem nenhum tipo de trava. As medidas representam muito pouco e não reduzem os impactos causados aos trabalhadores, nem ao banco como um todo. A Comissão Executiva de Empregados já cobrou da empresa a abertura de negociações urgentes para tratar do assunto.

A vida pós reforma trabalhista

Muita gente ainda não se deu conta. Mas a reforma trabalhista, sancionada recentemente pelo presidente Michel Temer, vai mudar a vida de milhões de brasileiros, sobretudo aqueles que vendem a mão de obra. O cenário não é animador. Pelo contrário. Muitas perdas estão a caminho. Embora a lei só entre em vigor em quatro meses, já é possível perceber.

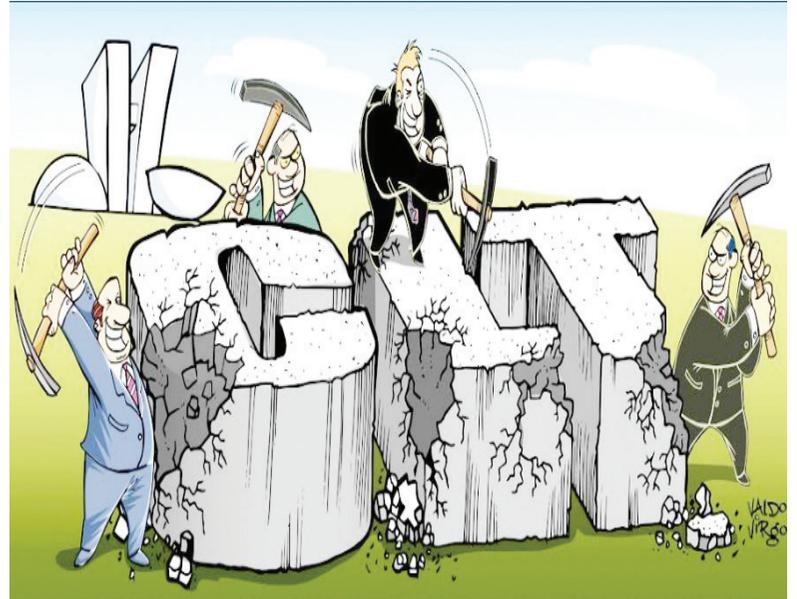
A medida acaba com a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e deixa o trabalhador vulnerável, pois terá de negociar sozinho direitos como, aumento salarial, férias, pagamento das horas extras.

O advogado Arnaldo Costa Júnior ressalta. "A intenção é individualizá-los, para que percam poder de negociação. Mas, o momento exige coragem e

ação coletiva. Sem um trabalho em grupo, junto com os sindicatos e as associações, mais nada vai para frente. No Congresso Nacional, ninguém tem receio do cidadão sozinho", disse em reunião realizada na AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Caixa).

Sobre a justificativa do governo Temer para fazer a reforma trabalhista, Arnaldo Costa Júnior é enfático. "Em nenhum país do mundo que mudou as relações de trabalho houve aumento de emprego. Pelo contrário. A precarização aumentou, os salários caíram e os acidentes de trabalho elevaram".

Durante a reunião, também



foi informado que um grupo de juristas, inclusive o Ministério Público do Trabalho, estuda ingressar com uma ADIN (Ação Direta de Inconstitucionalida-

de) no Supremo Tribunal Federal. Arnaldo Costa Júnior ainda orientou os gestores a não assinarem nada que possa prejudicá-los.

VOCÊ SABIA?

O açúcar é mesmo o vilão das dietas?



Quando a gente pensa em consumir açúcar, logo pisca um alerta. A consciência dói. Às vezes, diz que não devemos nem consumir para não ganhar aquela gordurinha indesejada e tão difícil de eliminar. De fato, como qualquer outro alimento, não dá para exagerar. Mas, estudos apontam que o açúcar não é o vilão das dietas como muita gente pensa.

O problema está no tipo que é consumido. O refinado, o mais utilizado pelos brasileiros, só fornece calorias. Portanto, se a pessoa quer emagrecer e manter qualidade de vida deve fugir desse tipo.

O mascavo é o queridinho das dietas, pois é a forma mais bruta do açúcar, feito a partir do caldo de cana recém extra-

ído. Não passa por refinamento, nem recebe aditivos químicos. O demerara, outro muito consumido por quem busca controlar a ingestão de açúcar, é um subproduto do mascavo.

O cristal passa por alguns processos, inclusive para ficar na cor branca, e perde 90% das vitaminas e minerais presentes no mascavo. O açúcar de confeitaria passa por refinamento sofisticado e recebe a adição de 3% de amido de milho ou de arroz. Também não preserva as vitaminas e minerais.

O ideal, alertam os especialistas, é consumir um açúcar com o mínimo de processamento e aliar a prática esportiva. Um super dica é também aproveitar os açúcares naturais presentes nos alimentos. Se for beber um suco, por exemplo, vale fazer puro.



O QUE MUDA COM A REFORMA? SE LIGUE

| Antes | Depois |
|--|---|
| Intervalo para repouso e alimentação de, no mínimo, 1 hora | Intervalo para repouso e alimentação pode ser de apenas 30 minutos |
| Salário inferior ao mínimo apenas para quem trabalha 25 horas por semana | Salário inferior ao mínimo para quem trabalha até 30 horas por semana |
| Jornada de trabalho limitada a 8 horas diárias | Jornada de trabalho diária de até 12 horas |
| Férias anuais concedidas normalmente em um só período de 30 dias | Férias anuais em até três períodos, com remuneração proporcional |
| Proibida terceirização na atividade fim da empresa | Terceirização liberada até na atividade fim |